de diametral que é a da fome mundial.

Para os países ricos, as migrações constantes constituem um problema de efeito retardado. Nas principais ruas de belas cidades européias já se podem observar ambulantes ou camelôs como os que conhecemos no Brasil. São africanos ou asiáticos que correm da polícia, recolhendo suas mercadorias.

O fenômeno tende a aumentar. Em grande escala os imigrantes vão perturbar a qualidade de vida da população dessas grandes cidades. Talvez cheguem a sensibilizar os governos e estes concedam alguns benefícios aos países periféricos, tentando estancar o fluxo na origem. Os Estados Unidos não estão isentos dessa contingência, pois a população latina e hispânica já faz sentir sua presença como massa populacional em regiões como a Flórida e a Califórnia.

Desafios do novo milênio

O grande desafio do início do terceiro milênio será a convivência dos interesses envolvidos com a segurança alimentar qualitativa, pois é nela que reside o capital, e a segurança alimentar quantitativa, que precisa ser bem conduzida, sob o risco de se tornar uma fonte de perturbações e movimentos sociais.

O regime democrático não abre espaço para medidas de força sobre as questões relativas a sanidade e proteção ao consumidor. Se tem de haver rotulagem, que seja usada não como obstáculo, mas como informação ao consumidor. Os direitos básicos contemplam medidas que protegem os cidadãos e sua saúde com base em princípios e fundamentos científicos

A biogenética possibilita a obtenção de mais alimentos, o que atenderia à necessidade de disponibilizar maiores quantidades. Mas terá primeiro de convencer os cidadãos de que é possível fazê-lo melhorando a sua qualidade de forma sustentável e segura. A biotecnologia está no âmago de uma questão que joga com povos bem alimentados, que demandam segurança e qualidade dos alimentos, e populações no limite da desnutrição que necessitam de qualquer alimento. É uma tarefa e tanto.

Antonio Herminio Pinazza é professor universitário e diretor da Abag.

Tendência

Os sem-fábrica

Produzir sem ter uma unidade produtiva é um fenômeno que está se generalizando na agroindústria brasileira

WALTER BELIK

Nos últimos anos, os sem-fábrica cresceram e se firmaram em diversos ramos da indústria, como confecções, calçados, gráficas, plásticos e móveis. Agora chegou a vez da agroindústria. Todas essas atividades têm em comum a utilização de mão-de-obra intensiva, baixo conteúdo tecnológico do produto e elevados volumes de vendas.

Barreiras eliminadas

No passado, o processamento de matérias-primas de origem agropecuária estava cercado de uma série de limitações que impunham elevadas barreiras aos novos concorrentes. Do conhecimento e acesso às fontes de suprimento até o segredo industrial, passando pelo alto custo dos equipamentos envolvidos na produção, tudo era inacessível aos que se aventuravam. Hoje as barreiras se reduziram ou foram eliminadas.

As fontes de matéria-prima estão cada vez mais próximas. Encurtou-se o tempo de transporte, intensificaram-se o comércio internacional e a criação de mercados regionais comuns. A tecnologia avançou também no processo produtivo, simplificando procedimentos e reduzindo escalas. Finalmente, o chamado segredo industrial na agroindústria só se mantém em algumas poucas especialidades e está ligado muito mais à tradição do fabricante ou da região produtora que a algum atributo tangível do produto.

Novo paradigma

Os antigos papéis representativos dos capitais ao longo da cadeia produtiva agroindustrial tendem a se misturar. Está cada vez mais difícil identificar quem são os produtores rurais, industriais, atacadistas e varejistas nos diferentes segmentos da agroindústria.

Alguns elos dessa cadeia simplesmente desapareceram enquanto outros surgiram assumindo novas funções que até então não tinham importância. É o caso das funções desempenhadas pelo que chamamos de "coordenador" da cadeia produtiva. O coordenador identifica nichos ou parcelas de demanda não atendidas, desenvolve fornecedores de matérias-primas e promove a fabricação e a logística da distribuição desses produtos. Pode ser um dos envolvidos na cadeia produtiva, como o atacadista ou o supermercadista. Mas pode ser também um agente externo, como é o caso da espécie – cada vez menos rara – conhecida como o sem-fábrica.

Cadeia ativada

O sem-fábrica já era bastante comum na indústria de conservas, doces e alimentos congelados mas tornou-se muito mais conhecido nos últimos anos no segmento de leite e laticínios.

No ano passado por exemplo, antes da desvalorização do real, importamos 14% do que se consome no mercado formal de leite no Brasil. Grande parte dessa matéria-prima entrava pela Argentina proveniente da Nova Zelândia ou da União Européia, onde se adquiria o produto a preços altamente subsidiados. No destino final, o produto era reprocessado e recebia a embalagem de uma marca local ou nacional. O processo era coordenado por um sem-fábrica que identifi-

cava necessidades locais e ativava toda a cadeia.

Mais recentemente o fenômeno atigiu também a indústria de suco de laranja e a produção de álcool. Nesses segmentos da agroindústria o problema está em encontrar mercado para os produtos e não na produção em si. O atual contexto é de superprodução e redução de preços. Muitas unidades produtivas estão convivendo com enorme capacidade ociosa. Conhecendo o mercado e possuindo os canais de distribuição, alguns agentes coordenadores estão alugando instalações industriais, comprando matéria-prima e distribuindo o produto sob sua bandeira.

Exemplos não faltam

Recentemente, uma grande empresa esmagadora de citros simplesmente se retirou da produção e vendeu todos os seus ativos. Embora deixasse de produzir, a empresa não se retirou do mercado; apenas partiu para o arrendamento de instalações ociosas e a comercialização do produto.

DO CONHECIMENTO *e acesso às fontes de suprimento até o segredo industrial, passando pelo alto custo dos equipamentos envolvidos na produção, tudo era inacessível aos que se aventuravam. Hoje as barreiras se reduziram ou foram eliminadas.*

O mesmo tem ocorrido com as empresas supermercadistas ou comerciais de maneira geral, que vêm desenvolvendo fornecedores para a fabricação de suco de laranja pronto para beber sob a marca do varejo.

No caso da produção de álcool também já se verifica uma grande movimentação de empresários constituindo empresas comercializadoras com o objetivo de comprar excedentes a partir de contratos de venda já firmados no exterior ou junto às distribuidoras.

Em muitos casos, este novo papel de coordenação da cadeia parece estar apontando uma tendência para a agroindústria, com as características de uma produção que é capturada e se torna auto-ativada pela demanda. Em outros casos, que merecem mais atenção, a coordenação privada está substituindo aquele papel que era exercido pelo governo no tempo em que havia um volume mais significativo de crédito agroindustrial, incentivos à exportação, controles alfandegários e estoques reguladores públicos.

Recentemente, uma grande empresa deixou de produzir e partiu para o arrendamento de instalações ociosas para comercializar o produto.

Walter Belik é professor do Instituto de Economia e coordenador do Núcleo de Economia Agrícola da Unicamp. E-mail: belik@eco.unicamp.br.

Pecuária leiteira

Realidade e futuro

Uma análise mostra uma produção modelar ao sul. Mas o Brasil é ainda uma grande promessa

ALZEMAR JOSÉ DELFINO

Na Argentina, a pampa úmida, a terra naturalmente fértil, as forrageiras de inverno, o clima propício para o cultivo e a criação de animais leiteiros e outras facilidades geoclimáticas permitem aos criadores produzirem "leite a pasto". Tudo concorre para atenuar a estacionalidade da produção.

Os produtores argentinos naturalmente se tornaram profissionais da pecuária leiteira. Formaram um rebanho com alto grau de aptidão leiteira – o gado holando-argentino ou GHA; inseriram tecnologia no processo de produção mediante ordenhadeiras mecânicas, máquinas e equipamentos necessários à produção de alimento do rebanho – e os fornecedores de máquinas e insumos acompanharam a evolução do setor; capacitaram sua mão-de-obra, ganharam escala, capacidade de investimento, padronização e sobretudo solidariedade.

Com 25 mil produtores, ou apenas 2% do total dos brasileiros, e média diária de 1 mil litros de leite por fazenda, ou 2.000% a mais em relação ao Brasil, os argentinos têm 95% de sua produção na economia formal e 92% de granelização e refrigeração.

Os dois vizinhos

O Uruguai apresenta as mesmas características de solo e clima da Argentina. Por isso a atividade primária é de alta capacidade produtiva e baixos custos de produção, com predominância de gramíneas e leguminosas de alto valor protéico. A atividade é altamente mecanizada e o rebanho tem aptidão leiteira: gado holando-uruguaio – GHU –, descendente do gado canadense e americano.

As instalações para acomodação e alimentação do gado são bastante simples em relação aos outros países. A sobra de capital é revertida em equipamentos e máquinas, em melhoria da qualidade da terra e capacitação da mão-de-obra.

A sanidade do rebanho é controlada diretamente pelos agentes de saúde, a fiscalização é rigorosa e o processo de vacinação foi uma rotina na vida do produtor até o país se ver livre de doenças como aftosa e brucelose.

A presença do governo foi fundamental para a transformação da pecuária leiteira dos dois países, tanto na forma de organi-